CATALÃO(GO): CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO[1]

CATALÃO(GO): TRANSFORMATION CITY

*Cairo Mohamad Ibrahim Katrib**

Resumo:
A reflexão que se pretende fazer é sobre como a cidade de Catalão, localizada no sudeste goiano, pode ser relida, reinterpretada e ressignificada se articulada às muitas formas de progresso vivenciadas. Nosso foco é compreender como o viver no interior de Goiás é presentificado e experimentado de diferentes formas pelos sujeitos que compõem o mosaico Catalão. Essa possibilidade de interlocução é resultado da nossa participação na pesquisa que realizamos nos municípios atingidos pela UHE Serra do Facão nos anos de 2008-2010, onde fizemos o levantamento do patrimônio histórico- cultural dos seis municípios, dentre eles Catalão-GO. Essa experiência nos permitiu pensar como o rural e o urbano se articulam e produzem sentidos as muitas formas de experimentar e compartilhar o vivido. Nesse contexto, a História Cultural nos fornece o embasamento necessário para lermos Catalão como resultado das recriações espaciais e históricas produzidas e compartilhadas por diferentes sujeitos que, ao projetarem seus olhares estabeleceram e estabelecem o delinear das muitas formas de ver e ler a cidade em transformação.
Palavras-chave: cidade – história – vivências

* Docente do Curso de História, da Universidade Federal de Uberlândia/ Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Tutor do grupo de Educação Tutorial Pet (Re) conectando saberes-MEC/Sesu/Secadi e vice-coordenador do Laboratório de Cultura popular e vídeo Documentário-DOCPOP-UFU/ INHIS. Coordenador do POEMIS- Centro de estudos e pesquisas em cultura popular, educação, migrações da FACIP/UFU. Email: cairo@pontal.ufu.br

[1] Esse artigo se pauta nas reflexões realizadas entre os anos de 2008-2010 na pesquisa de levantamento do patrimônio histórico-cultural dos municípios atingidos pela construção da UHE Serra do Facão, tendo como um dos produtos a coletânea **São Marcos do Sertão Goiano** (ABDALA, KATRIB, MACHADO, 2010).

Abstract:
The reflection is what we intend to do about the Catalão city, located in the southeast Goiás, can be reread, reinterpreted and re-signified is hinged to the many forms of progress experienced. Our focus is to understand how living in the interior of Goiás presentified and is experienced in different ways by the individuals that make up the mosaic Catalão. This possibility of dialogue is a result of our participation in the survey we conducted in the municipalities affected by UHE Serra Facão in the years 2008-2010, where we did a survey of the historical and cultural heritage of the six municipalities, including Catalão-GO. This experience allowed us to think about how rural and urban articulate senses and produce the many ways to experience and share the lived. In this context, the Cultural History provides us with the foundation necessary to read Catalão as a result of spatial and historical recreations produced and shared by different subjects, when designing their looks settled and establish the outline of the many ways to see and read the city in transformation.
Key-words: city - history - experiences

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade é um exercício envolvente, contudo bastante complexo. Utilizo aqui, como possibilidade de recuperação dos fragmentos do passado, as minhas memórias de infância e adolescência aliadas ao olhar do pesquisador, a fim de recompor os caminhos que nos levam a construção de uma narrativa histórica acerca da cidade de Catalão. Descortina-la pelo viés interpretativo da História Cultural nos dá condições de lê-la como realidade materializada; embebida de sensibilidades e sentidos que expressam o ser e o estar dos sujeitos nesse lugar em transformação e pensar a sua história como evocação da memória, em especial das vivenciadas e experimentadas na minha infância e adolescência que me permitem trazer à tona experiências e olhares sobre a cidade na tentativa de recompor fragmentos de um passado que: "não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade" (PESAVENTO, 2008, p. 13).

Às minhas memórias foram incorporadas, nesse exercício de mergulho ao passado, as narrativas dos historiadores locais como Ramos (1984) e Campos (1976), dentre outros, que são ainda interlocutores que nos guiam na tentativa de desvelar a cidade e de pensá-la embebida num processo histórico que envolve interesses diversos. Por outro lado, as memórias registradas desse passado por parte dos memorialistas se sustentam principalmente, nas descrições feitas por Saint-Hilaire (1975), que assume o papel de sujeito desse processo, elegendo como herói e desbravador desse processo de ocupação o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho "o Anhanguera".

Catalão tem como marco histórico de sua fundação, supostamente a fixação de membros das expedições comandadas por Anhanguera, que ultrapassaram os limites das Gerais, transpondo as águas do rio Paranaíba, em busca das riquezas auríferas de Goiás e, às margens de um córrego, parte dessa comitiva se fixou fazendo do lugar ponto de apoio aos passantes e comitivas que ali pernoitavam com intuito de descansarem e organizarem sua frota e suas provisões para, em seguida, continuarem viagem sertão adentro. Se esse foi ou não o ponto de partida dessa ocupação não nos cabe aqui apurar a veracidade dos acontecimentos, pois o que é significativo de tudo isso é o fato de que, a partir de então, o seu processo de crescimento não parou mais passando de roça a condição de arraial e a cidade.

Nesse caminho de relatos e concretização de sentidos, Catalão assume a condição lugar vivido e recriado no ir e vir dos "arquivos de memórias" e é justamente isso que nos interessa. É por meio da memória em ebulição que promoveremos o reavivar das lembranças e das muitas histórias e personagens que não constam nas memórias oficiais, mas que nos auxiliam a recompor a história da cidade sob a ótica do nosso olhar. O tom dessa narrativa, por mais nostálgica que pareça, é portador de significados que expressam muito mais do que os olhos conseguem perceber. Mergulho aqui nas histórias alimentadas das experiências vivenciadas a fim de encontrar alguns rastros, como bem frisa Ricouer (1994), na tentativa de fazer dos indícios do passado recuperados pela memória caminho para reinterpretar e reconstruir os sentidos dados a cidade de Catalão.

Nesse processo de relembramentos, homens, mulheres, brasileiros, estrangeiros, catalanos de Pátria ou de coração compõem os fios de muitas tramas tecidas, de muitas histórias vividas e recriadas. Protago-

nistas ou coadjuvantes eles nos ajudam a recompor o enredo moldado pelos fios da memória e do passado. Muitos foram costurando as suas histórias de vida as da própria cidade sempre guiados pelo afã por dias melhores. Espelharam-se no "espanhol bandeirante"[2], incorporando a sua identidade a perseverança do imigrante, as práticas e saberes da lida com a terra da gente mineira e paulista, foram reinventando práticas e manifestações culturais tecendo diálogos com a cultura negra, árabe, mineira, goiana, dentre outras. Fortaleceram os laços de pertença com o lugar, delineando o que vem a ser hoje o município de Catalão.[3] A cidade e suas narrativas devem ser entendidas como constituintes de um espaço de vivência dos grupos sociais que as difundiram, só assim conseguiremos tonalizar com outras cores a reescrita da história da cidade.

Ao rememorar a Catalão de outrora muitas imagens fluem constituindo-se em fragmentos das minhas lembranças, fazendo delas elementos significativos do meu "museu imaginário" que "abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido" (PESAVENTO, 2008, p. 101). É por isso que aqui exercito o aguçamento das recordações na tentativa de exercer, com sensibilidade, uma reinterpretação do escrito, do lido e do vivido, não perdendo de vista, as tantas imagens projetadas nos relembramentos do passado, já que elas são "evocativas, despertando a memória e conectando a outras experiências" (PESAVENTO, 2008, p. 106).

Nesse cenário de tanta transformação, imergir sobre os relatos dos memorialistas locais que costuraram a escrita oficial da cidade fez-nos trazer à tona outras histórias; ouvir e absorver outras vozes silenciadas. Se Catalão hoje é uma espécie de espelho do mundo (PESAVENTO, 2002), cuja narrativa é atualizada pelo tempo e pelas representações que os homens constroem para si, o seu enredo percorre muitos caminhos que nos permitem compreender a sua dinâmica[4]. Esse

[2] Esse espanhol, segundo os relatos memorialísticos, acompanhava as expedições das Bandeiras e foi ele quem, supostamente, desenvolveu a primeira roça que deu origem ao município.

[3] Existem muitas lacunas nessa história que nos levam a refletir sobre as narrativas encontradas. Podemos pensar na hipótese de Catalão ter sido fundada em fins de julho de 1722, por ocasião da passagem da Bandeira de Bueno Filho, quando teria deixado na região o espanhol. A fazenda, mais tarde, foi promovida a arraial, depois a vila, até oficializar-se como cidade, em 1859, recebendo o nome de Catalão.

[4] A fundação da cidade está associada à agricultura de subsistência que atendia as necessidades básicas dos vilarejos e aglomerados e à expansão da pecuária, pois, com a decadência do ciclo da mineração, essa atividade se difundiu para além dos limites do município. Maria das Dores Campos e Cornélio Ramos, estudiosos locais, apontam para o fato de Catalão ter surgido da penetração das Entradas e Bandeiras que percorriam o sertão goiano em busca de ouro e pedras preciosas. Destacam a Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que, ao atravessar o rio Paranaíba

é o exercício que procurarei fazer a partir de agora.

RECOMPONDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Muitos são os motivos atribuídos à criação do município de Catalão. Para uns, seu surgimento está atrelado a sua função de paragem dos tropeiros para abastecimento das comitivas na região; para outros foram as atividades de subsistência, como a agricultura e a pecuária, que, aos poucos, ganharam maior proporção econômica; outros arriscam a dizer que foi um conjunto de fatores que agregam seu passado comercial, sua força agrícola e o despreendimento de sua população em acompanhar o progresso e a modernidade.[5]

No início do século XX (anos de 1900) foi quando Catalão conheceu um grande impulso socioeconômico, integrando-se às políticas nacionais criadas à época. Entre os anos de 1910 e 1920, com a passagem da ferrovia na cidade, houve um aumento significativo do contingente populacional, sobretudo em virtude da chegada dos migrantes e imigrantes que aqui aportavam em busca do sonho da prosperidade e da melhoria das condições de vida.[6]

e abrir uma trilha desbravando os sertões de Goiás, teria deixado nas imediações, onde posteriormente iria se consolidar o primeiro núcleo populacional que daria origem à cidade, um dos capelães que o acompanhava na missão. Segundo a história local, com a emancipação da cidade pela lei nº 7, de agosto de 1859, Resolução Provincial, as práticas agrícolas se transformaram na base de sustentação econômica do município, principalmente a agricultura e a pecuária. Foi no início do século XIX (anos de 1800) que começou a manifestar-se o progresso de Catalão, especialmente na agricultura. A partir desse período, a população aumentava no arraial, sendo construídas diversas casas com telhas e muitos ranchos. Sobre esse processo de desenvolvimento, conferir os trabalhos memorialísticos: CAMPOS, 1976 e 1985; CHAUD, 1996 e 2000; CUNHA MATOS, 1979; NEBO, 1987; RAMOS, 1972, 1978 e 1984; SAINT-HILAIRE, 1975. E as análises histórico-espaciais: DEUS, 2002; KATRIB, 2004; LIMA, 2003; MELO, 2008; MESQUITA, 1993; SANTOS, 2001; DEMOCH, 2009.

[5] A história de Catalão está supostamente associada à passagem das Entradas e Bandeiras que penetravam pelo interior do país em busca da exploração do ouro, pedras preciosas e da captura de índios, seguindo as exigências da Coroa Portuguesa. É válido destacar também que uma das possíveis causas da ocupação das terras que deram origem ao município de Catalão pode estar relacionada à descoberta, por volta de 1894, das áreas do Domo Alcalino de Catalão, pelo geólogo francês Hussak, que em passagem pela região detectou a existência de uma concentração mineralógica, ao associar analogicamente as rochas existentes de coloração escura encontradas com outras rochas. Supomos que diante da febre do ouro que trazia muitos exploradores ao sertão goiano, o município, embora não possua ouro ou pedra preciosa, possa ter despertado a curiosidade de vários desbravadores que se instalaram na região à procura de algum metal precioso. Sobre o assunto, consultar: CARVALHO, 1974**;** GOMEZ, 1994.

[6] No século XX, o município de Catalão cresceu justamente devido à construção da estrada de ferro Mogiana, ligando Goiás ao Sudeste do país. Sobre o assunto, consultar: DEUS, 2002.

O município passou por modificações expressivas com a instalação de charqueadas, curtumes e cerealistas e dos mais variados investimentos no comércio e nas pequenas indústrias de transformação de matéria-prima em mercadorias para o consumo direto, atendendo tanto a população regional, a de Goiás e de outros estados. Essas empresas beneficiavam e distribuía o arroz, o milho, o charque[7], o couro curtido, vendido para fabricação de calçados e outros produtos (CHAUL, 1994). Por essa época, Catalão deu um salto qualitativo em relação a outras cidades de Goiás, tornando-se uma das mais importantes em crescimento econômico e populacional. Entretanto, apresentou certa estagnação econômica entre as décadas de 1930 e de 1960. Mas a construção da rodovia BR-050 e a inauguração de Brasília no governo de Juscelino Kubitschek (1955-1961), dentro das políticas desenvolvimentistas de integração nacional inseriram Catalão novamente no contexto regional e nacional, integrando-a ao Distrito Federal, a São Paulo, a Uberlândia e a outros centros de destaque econômico do país.

A partir dos anos de 1970-1980, com o início do processo de exploração e industrialização de nióbio e fosfato, houve novo crescimento urbano à medida que empresas industriais e comerciais ligadas a esses minérios se fixaram na região.[8] O ritmo dessas mudanças seguiu o compasso das transformações históricas e das necessidades dos diversos atores sociais, principalmente dos migrantes vindos do sul, guiados pelos projetos econômicos dos governos militares, elegendo o Cerrado como terra produtiva de grãos para exportação, além da pecuária extensiva. O município, após a reconfiguração populacional propiciada pela emancipação de alguns distritos, viu mudar seu percurso, chegando atualmente a uma população superior a 85 mil pessoas.[9]

É inegável que os investimentos no Cerrado goiano nas décadas de 1970/80 fizeram desse espaço, antes terras consideradas pouco férteis, num imenso

[7] Carne salgada que passa por processo de secagem natural exposta ao sol ou em ambientes arejados.

[8] Consultar: IBGE. *Anuário estatístico*. Rio de Janeiro, 2001.

[9] Catalão teve um desenvolvimento urbano considerável. Isso não se deveu somente à pujança das suas atividades econômicas urbanas. O campo exerceu e exerce importante contribuição, tanto é que, a partir dos anos de 1940, distritos como Corumbaíba, Três Ranchos, Ouvidor e Davinópolis foram desmembrando-se e adquirindo sua independência político-administrativa, justamente fruto da produção agrícola, e outros ainda permanecem como importantes espaços agrícolas.

mar de monoculturas[10], seduzindo sulistas, paulistas, mineiros, nordestinos, catalanos pelo cheiro inconfundível do progresso.

E hoje qual é a maior sedução que a cidade desperta nos forasteiros? Hoje, o que seduz as pessoas a migrarem para a cidade é o crescimento produtivo, a consolidação do polo industrial, marcado pelas montadoras automobilísticas, pelos centros atacadistas, pelo "tapete verde" mecanizado e pelas expectativas de mais mudanças propiciadas com a chegada da Hidrelétrica Serra do Facão e outros empreendimentos. Modificações também ocorreram no setor educacional, com os centros de formação profissionalizantes, as graduações e pós-graduações ofertadas pelo Campus Avançado da Universidade Federal de Goiás e faculdades de ensino superior, melhorando o nível de qualidade da mão de obra local, da produção de conhecimento, contribuindo para tornar Catalão polo econômico regional. É evidente que essas mudanças são também reflexos das transformações da economia brasileira, as quais fortalecem e integram as pequenas e médias cidades aos grandes centros urbanos (SKIDMORE, 1986).

[10] Conferir: MEDEIROS, 1998; MENDONÇA, , 1998; MESQUITA, 1993.

Ao estabelecermos esse norte pautado numa lógica que evidencia o desenvolvimento do município, não quer dizer que das releituras possíveis essa seja a mais interessante. Desconstruir esse olhar nos propicia enveredar por esse mesmo caminho com outros olhares, já que deles resultam diversas imagens e, estas "são, sobretudo, ações humanas que, através da história, empenham-se em criar um mundo paralelo de sinais. São, pois, representações da realidade que se colocam no lugar das coisas, dos seres e dos acontecimentos" (PESAVENTO, 2008, p. 100).

Hoje, quando tento reler a cidade em que vivi, vejo certa nostalgia tomar conta de minhas recordações. Talvez por isso rememorar a cidade tem gosto de infância fazendo permanecer a saudade das tantas quermesses, da troca de quitutes entre os muros das residências, das pamonhadas que reuniam as famílias, incentivando o contar, o recontar e o relembrar de muitas histórias; ficam também as saudades das conversas ao final da tarde nas calçadas e portas das inúmeras residências da cidade, do passeio dominical pelas praças centrais, da tradicional visita à feira de domingo em busca dos gêneros para o almoço desse dia ou para saborear pastéis e rever os amigos; das benzeções, dos

oratórios ornados, reforçando a religiosidade das famílias locais, além das acirradas disputas políticas e da violência em ebulição. Fica a saudade de passear pelo pasto do Pedrinho, aventurando-se pelos subterrâneos do córrego Pirapitinga até avistar o Morro da Saudade ou de São João. Fica a saudade de frequentar os quintais da família Arruda em buscas das suculentas e saborosas mangas nos meses de novembro a janeiro ou se deliciar com o azedo das tamarindos da frondosa árvore do quintal da família Moreira Castro, no bairro Mãe de Deus. Fica a saudade do cheiro da infância do carneiro assado, dos quibes fritos, do arroz com lentilha feitos no fogão a lenha por minha mãe e das músicas árabes regidas pelas lágrimas de meu pai nos domingos após o almoço e uma manhã de muito trabalho nas feiras livres da cidade.

Não consigo esquecer o som do batuque emanado pela cidade a partir dos meses de agosto até outubro em ocasião dos ensaios, preparativos e realização da festa do Rosário. É Catalão se refaz pela sua religiosidade. Pela cidade se pipocam as igrejas evangélicas, pentecostais ou neopentecostais enquanto nos fundos dos quintais ainda se escondem os terreiros de Umbanda e Candomblé. Pena que a cidade, mesmo com esse seu ritmo de crescimento, ainda silencia a sua diversidade religiosa e a sua negritude, mesmo que propagada ao som dos batuques, oriundos dos diferentes quintais, espaço de materialização das práticas religiosas e culturais afro-brasileiras.

Viver Catalão é recordar um passado nostálgico. É revisitar alguns personagens ilustres. Qual catalano não conheceu ou conhece o Zé do Trem, o Boca de Jaú, a Tranquila, o Zalada, a Tilita, o Quero a Chave, o Bozó, o Pinga com Farinha, tantos personalidades populares que alegraram e alegram com suas características peculiares o universo cotidiano das ruas da cidade?[11]

Reviver Catalão é também descortinar o cotidiano rural e compreender como se entrelaça os diversos espaços que compõem o município. São ritmos, sentidos e funções distintas, mas que se entrecruzam para dar significado ao viver de homens e mulheres independentes se da cidade ou do campo. A realidade cotidiana de Catalão não é tão diferente do restante do país. O tempo parece constituir-se apenas de segundos ou de pequenos *flashes* que fazem a vida correr des-

[11] Esses personagens fazem parte da infância e da vida de muitos catalanos. Merecem um estudo acadêmico, pois não há quem não tenha bons episódios para contar envolvendo esses sujeitos esquecidos pela história oficial.

compassadamente. Enquanto alguns se levantam para pegar a condução e ir para a lida, outros voltam para casa após uma noite exaustiva de trabalho. O ronco dos motores anuncia o despertar, e ao sopro da brisa matutina as portas dos comércios vão se abrindo, os carros saem das garagens, as pessoas transitam pelas ruas. Uns se dirigem para a escola, outros para o trabalho; uns vão à padaria, à feira, ao mercadinho da esquina, correm para não perder o ônibus; outros ficam na expectativa das promessas de um dia melhor do que os já vividos. Num instante a cidade se refaz ao som do zum-zum-zum matutino de carros, caminhões, pessoas. Muita gente, muito trânsito, muita transformação. É o trem que passa e apita, é o motorista que freia no cruzamento, são pessoas que passam umas pelas outras indiferentes. São as vozes da cidade que cantam as turbulências do agora. E o campo acorda como? Ele permanece no compasso da melodia do sossego e da tranquilidade?

A vida no campo também começa cedo, antes de o sol sair. O tempo é elástico, guiado pelas horas da lida. O tique-taque do relógio é sufocado pelo canto do galo que avisa: é hora de levantar. O dia é sempre de muito trabalho. O silêncio é quebrado pelo mugido das vacas, pelo barulho do transporte escolar, ou de algum veículo que percorre as estradas vicinais recolhendo os queijos, o leite, as verduras, trazendo encomendas. Mas o que prevalece são os sons da imensidão do lugar. Sons de aves, dos bichos, da lida, do fazer e do viver a rotina do campo.

Podemos dizer que essa é a realidade da maioria dos moradores das comunidades rurais. O dia na roça é longo, a noite, curta. Para muitos deles a casa, o curral, o pasto, a lavoura, a horta são extensões não só de suas residências, mas também de suas vidas. O campo é o lugar primordial de onde tiram o sustento, de criação dos filhos, de referência identitária. O tempo da labuta define a busca pela sobrevivência, pois viver e trabalhar são práticas indissociáveis quando o assunto é o cotidiano no campo.[12]

Em Catalão, durante muitos anos, foi comum presenciar o desembarque de homens, mulheres e crianças na subestação rodoviária da cidade localizada no bairro São João. Ali, como dizem os moradores do campo, "apiavam" com sacos de farinha, polvilho, galinhas, verduras, ovos, queijos e encontravam uma multidão de compradores que já os esperavam sempre

[12] Sobre a relação sujeito e tempo, consultar: ELIAS, 1998.

as segundas, sextas ou domingos para negociar a compra desses mantimentos. O pátio dessa rodoviária se transformava num pequeno centro abastecedor.

Produto vendido, dinheiro na capanga para adquirir aquilo de que necessitavam e não produziam em suas terras. Ao final do dia, embarcavam novamente nos ônibus com destino às suas comunidades, voltando à lida da terra para, assim, quando acumulassem mais mercadorias, ir novamente vendê-las. Hoje essa realidade ainda existe, só que de forma muito mais tímida e efêmera.

Excepcionalmente aos domingos, o local preferido dos produtores rurais era a porta do Mercado Municipal ou Mercado Velho. Eram comuns carroças repletas de milho verde; galinhas amarradas e expostas no chão à espera de compradores; em pequenas bancas improvisadas sobre caixotes, alguns produtos típicos como a rapadura batida, o melado, o requeijão e o queijo enrolados na folha da bananeira; o leite dentro de latões com torneiras e vendido a litro, entre tantos outros alimentos. Por volta das dez da manhã, muitos pequenos produtores retornavam para o campo, isso quando não vendiam mais cedo todos os alimentos para as bancas e armazéns no espaço interno do Mercado Velho. Outros preferiam marcar ponto semanal nas feiras livres, repassando os produtos aos feirantes ou vendendo a varejo para a freguesia fiel.

O interessante de reviver esses momentos é a forma como as lembranças fluem. Era fácil identificar os frequentadores das feiras livres ou das compras aos domingos no Mercado Municipal, porque por toda a cidade viam-se os frangos ainda vivos de ponta-cabeça, dependurados nos retrovisores dos automóveis ou sendo levados a pé pelos compradores para se tornar o prato principal do almoço de domingo.

As transformações que parecem repentinas não se consolidam somente no campo. A cidade também passa por modificações constantes no que se refere à sua organização espacial e arquitetônica. Mas aos poucos foram se reinventando, o tradicional cedendo espaço para o moderno. A memória arquitetônica possibilita interpretar esses lugares. As casas que compunham o cenário urbano sempre seguiam a tradição colonial, porém bem rústica. À medida que a ferrovia pedia passagem, um novo estilo arquitetônico se revelava em Catalão, sobretudo a partir dos anos 1930.[13]

[13] Sobre esse período, acessar: http://www.cidadeshistoricas.art.br/goias/go_monc_p.php.

Nessa época, as casas passaram a assumir uma nova feição e algumas delas se sobressaem em relação à maioria. Vieram atender a uma nova camada social que emergia nas cidades, como é o caso dos imigrantes, comerciantes que vieram para o sudeste goiano acompanhando o apito do trem. Algumas casas edificadas para fins comerciais também serviam de residência para esses comerciantes. À frente, enormes portas em madeira abriam espaço para os armarinhos e armazéns de secos e molhados; os balcões eram os divisores entre a venda e a porta de acesso à moradia do comerciante.

À porta ficavam diversas sacadas de mantimentos; rolos de arame farpado, vassouras, peneiras e enxadas enfeitavam os degraus dos armazéns. Logo acima vinham as peças de tecidos: chitas, morim, percal e algodão; os chapéus e lenços. No balcão, o baleiro, os fumos de rolo e, dentro, os produtos de beleza como Leite de Rosas, pó de arroz, fitas de cetim, pacotes de ramonas, também conhecidas como grampos, além do óleo de amendoim e da brilhantina para os cabelos. À frente dos balcões, as sacas de macarrão, arroz e outros produtos vendidos a granel. As fachadas desses prédios eram ecléticas, pitorescas e representativas do lugar.[14]

Os espaços de sociabilidade das cidades, como as praças, lanchonetes, confeitarias e cinemas se destacaram no cotidiano local a partir dos anos 1950. As praças, como a Getúlio Vargas de Catalão e a Central de Ipameri, ostentam, ainda hoje, coretos com arquiteturas semelhantes, apresentando linhas decorativas no estilo *art nouveau*[15], mais simplificadas, inspiradas nas interpretações locais do que se produzia na Europa, em especial em Paris. Destaca-se em Catalão o palacete da família Fayad no centro da cidade e o hospital Nasr Fayad, prédios na mesma estrutura arquitetônica[16].

[14] As residências em estilo mais pitoresco são aquelas de arquitetura conhecida como chalés e bangalôs. Esse tipo de construção chegou junto com a ferrovia ao sudeste, prevalecendo durante muitas décadas na composição arquitetônica das cidades goianas. Enfatiza também que após os anos 1920, a *art déco* compôs a arquitetura das cidades, marcando o início da arquitetura moderna no Brasil em 1940.

[15] A *art nouveau* surgiu como uma tendência arquitetônica inovadora do fim do século XIX (anos de 1800) como sendo um estilo floreado, em que se destacam as formas orgânicas inspiradas em folhagens, flores, cisnes, labaredas e outros elementos muito comuns na arquitetura regional no sudeste goiano como marca de ostentação econônica e inserção no mundo do progresso e da modernidade.

[16] Foi a partir dos anos 1920/1930 que a rusticidade das construções foi sendo reelaborada. Os beirais das casas foram cobertos, as fachadas receberam alto relevo e varandas, entre outros aspectos significativos. Entre os anos 1940/1960 houve o predomínio de uma arquitetura

A consolidação da identidade, seja rural, seja urbana, se concretiza justamente no jogo dialético entre as semelhanças e as diferenças. Exercitando a memória, os espaços transformados vêm à tona, basta que andemos pelas ruas da cidade e nos indagaremos: onde está aquele prédio, aquela casa? O que funcionava aqui? As memórias são vivas, e sua chama atiça o ir e vir dos relembramentos e do exercitar do vivido. Ainda bem que nossa memória não se forma como se formam os monumentos. "Pedras são neutras; pertencem ao lugar onde estão dispostas; tão silenciosamente a ser meras pedras, sua construção mal requer um gesto humano" (MANGUEL, 2001, p. 21). Essa é a Catalão em transformação que minhas recordações fizeram emergir, seja com a ajuda das memórias herdadas ou das minhas próprias; sejam embebidas de sentimentos e nostalgias ou pela indução dos registros e memórias oficiais. Sei que muitas outras podem se aflorar! Aonde está a sua?

residencial de padrão neoclássico, cujas casas ganharam formas mais geométricas, com pequenos detalhes em suas fachadas. Nos anos 1950/1970, teve início a arquitetura moderna, implementada sobretudo nos prédios das autarquias públicas e em algumas residências no centro da cidade que, aos poucos, foram sendo derrubadas e no seu lugar erguidos prédios comerciais para atender às exigências do lugar. A partir dos anos 1980 a população das áreas centrais, principalmente as famílias de posse, se mudou dessas áreas para outros bairros em franca expansão, transformando seus imóveis em cômodos comerciais. É comum encontrar em Goiás os conjuntos habitacionais de placas pré-moldadas construídos nos anos 1980, ou as casas de alvenaria nos bairros operários. Nos anos 1990, com a saturação do centro e a inserção desses municípios no processo de modernização econômica, as cidades começaram a refazer sua lógica arquitetônica: prédios de vários andares são erguidos para abrigar uma população de classe média, enquanto nas regiões mais afastadas surgem os bairros de classe alta e os condomínios fechados. Na periferia, os bairros populares se expandem sem limite e controle público.

REFERÊNCIAS

ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (orgs); *São Marcos do Sertão Goiano:* cidades, memórias e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão*: estudo histórico e geográfico. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

_____.*Gente nossa*. Goiânia: Cerne, 1985.

CARVALHO, Wanderlino Teixeira. Aspectos geológicos e petrográficos do complexo ultramáfico de Catalão I – GO. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 28., 1974, Porto Alegre. *Anais*... Porto Alegre: SBG, 1974. v. 5, p. 107-123

CHAUD, Antônio Miguel Jorge. *Imigrantes em Catalão*: 1835-1995. Goiânia: Cerne, 1996.

_____. *Memorial do Catalão*. Goiânia, 2000.

CHAUL, Nasr Fayad. Coronelismo em Goiás. In: GOMEZ, Luiz Palacin. *História política de Catalão*. Goiânia: Cegraf-UFG, 1994. p. 113-206.

CUNHA MATOS, Raimundo José da. *Coreografia histórica da Província de Goiás*. Goiânia: [s.n.], 1979.

DEMOCH, E. *1810 das terras da Mãe de Deus a Catalão*. Catalão: Gráfica Modelo, 2009.

DEUS, João Batista de. *O sudeste goiano*: as transformações territoriais decorrentes da desconcentração industrial brasileira. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GOMEZ, Luiz Palacin. *História política de Catalão*. Goiânia: Cegraf-UFG, 1994.

KATRIB, Cairo Mohamad I. *Nos mistérios do Rosário*: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão-GO (1936-2003). 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004

LIMA, Valdivino Borges de. *Os caminhos da urbanização*. Mineração em Goiás: O Estudo de Catalão (1970-2000). 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. Tradução de Rubens Figueiredo e outros. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 21.

MEDEIROS, Silvana Almeida Figueira. Agricultura moderna e demandas ambientais: o caso da sustentabilidade da soja nos Cerrados. In: _____DUARTE, Laura Maria Goulart; SANTANA, Maria Lúcia de (Org). *Tristes Cerrados*: sociedade e biodiversidade. Brasília, DF: Paralelo 15, 1998. p. 127-145

MELO, Nágela Aparecida de. *Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (Go):* análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. *A questão regional e campesinato*: alhicultura em Catalão-GO. 1998. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998

MESQUITA, Helena Angélica de. *A modernização da agricultura.* Um caso em Catalão-GO. 1993. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1993.

NEBO, Flerst. *A lenda de Catalão*. São Paulo: Jag's, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**.** Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. *Artcultura*, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 24, jun. 2002.

_____. O mundo da imagem: território da história cultural. In: *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural.* PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M.W.; ROSSINI, M. de. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 99-122.

RAMOS, Cornélio. *Letras catalanas.* Goiânia: Gráfica do Livro Goiano, 1972.

_____. *Catalão*: poesias, lendas, histórias. Goiânia: Líder, 1978.

_____. *Catalão de ontem e de hoje (curiosos fragmentos de nossa História)*. Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

RICOUER, Paul**.** *Tempo e Narrativa.* Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papirus, 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia; EDUSP, 1975.

SANTOS, Márcia Pereira dos. *O campo (re)inventado*: transformações da cultura popular rural no Sudeste Goiano (1950-1990). 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Artigo recebido em: 21/11/2012
Aprovado para publicação em: 28/12/2012